



DCO

QUARTA-FEIRA



Um jornal de massas e uma revista de quadros

Um grande salto adiante foi dado pela imprensa do PCO.

LEIA NA PÁGINA A2

Carlos Augusto
Candidato do PCO denuncia que foi vítima de ataque da PM



Diário Causa Operária entrevista candidato do PCO a deputado estadual por São Paulo. - Foto: Arquivo

LEIA NA PÁGINA B1

Caso da Sérvia comprova: o identitarismo gera homofobia



A política do indentitarismo, que é exportada para todo o planeta pelos EUA, está criando para os trabalhadores uma relação entre os LGBT e o imperialismo, algo muito perigoso - Foto: Reprodução

LEIA NA PÁGINA A3

Muito pior

Tebet nos deixará com saudade de Bolsonaro

Na presidência da República, candidata "feminista" do MDB implementaria uma furiosa política neoliberal contra o povo

Redação da
Editoria de Política
DCO

Nos últimos anos, uma das principais estratégias da burguesia para impor a sua política ao redor do mundo tem se dado pela doutrina do “mal menor”. Segundo essa filosofia, o povo deve escolher, quando diante de uma decisão, sobretudo, eleitoral, o

candidato, ou a figura, que presente o menor perigo para os seus próprios interesses. Uma estratégia que é voltada principalmente para a esquerda pequeno-burguesa que, na ausência de princípios políticos claros, recebe de braços abertos os ditames imperialistas. Ainda, esse “mal menor” nunca é, de fato, uma figura mais amena no que diz respeito à ameaça

que representa para o povo. Em outras palavras, é sempre o representante mais fiel da política neoliberal, aquele mais atrelado aos interesses do imperialismo. É o que foi feito, por exemplo, nas eleições de 2020 nos Estados Unidos, quando Biden foi eleito. À época, criou-se o espantinho de Donald Trump para que a esquerda apoiasse Biden no pleito.

LEIA NA PÁGINA A4



Tebet é a verdadeira inimiga dos trabalhadores nessas eleições. - Foto: Reprodução

O bom-mocismo de Lula pode ser a causa principal de um desastre

A última segunda-feira, 28 de agosto, foi marcada pelo primeiro debate entre os candidatos à presidência da República, transmitido pela emissora *Band*. Os telespectadores estavam ansiosos para ver, sobretudo, o embate entre Lula e Bolsonaro, já esperando ver algum tipo de emoção logo na entrada das eleições. Infelizmente, não foi isso que vimos.

Lula se comportou como um cavaleiro — foi educado até demais. Foi um “bom moço”, como diziam os antigos. Apesar de nossos pais geralmente nos cobrarem de ter uma postura bem educada, não é assim que a política funciona, ainda mais quando se é um político de esquerda, popular e perseguido pela burguesia.

A política do “bom-mocismo” segui-

da por Lula é errada, e pode levar a um desastre. Ela tem como objetivo mostrar que o ex-presidente é alguém inofensivo, e portanto não existe problema nenhum em colocá-lo de volta na presidência. Ele não é um mal educado truculento como Bolsonaro, que, ao contrário de Lula, não fez questão nenhuma de manter qualquer tipo de educação.

LEIA NA PÁGINA A2

A mulher do golpe
A “feminista”
Tebet não teve
“sororidade” com
Dilma Rousseff

Após meses de indefinição sobre que rumo o principal setor da burguesia buscaria dar para sua candidatura nas eleições presidenciais, surge o nome de Simone Tebet e uma campanha focada no identitarismo e na suposta defesa da mulher. O eixo central desta campanha feita por Simone Tebet, é a campanha destinada ao público feminino.

LEIA NA PÁGINA A3

Diz candidata do PCO

"Tebet é prostituta de Biden, dos banqueiros e latifundiários"

Nesta terça-feira (30), o *Diário Causa Operária* entrevistou Nina Tenório, candidata à Deputada Federal pelo Partido da Causa Operária (PCO). Coordenadora nacional do Coletivo de Mulheres Rosa Luxemburgo, Nina denunciou a demagogia de Simone Tebet durante o último debate presiden-

cial, apontando o programa revolucionário do Coletivo para as mulheres. Confira a entrevista abaixo na íntegra. Diário Causa Operária: conte rapidamente sobre sua militância no PCO.

LEIA NA PÁGINA B2



Simone Tebet é uma inimiga das mulheres, representante da burguesia nacional e internacional. – Foto: Reprodução

EDITORIAIS



O bom-mocismo de Lula pode ser a causa principal de um desastre

A última segunda-feira, 28 de agosto, foi marcada pelo primeiro debate entre os candidatos à presidência da República, transmitido pela emissora Band. Os telespectadores estavam ansiosos para ver, sobretudo, o embate entre Lula e Bolsonaro, já esperando ver algum tipo de emoção logo na entrada das eleições. Infelizmente, não foi isso que vimos. Lula se comportou como um cavalheiro — foi educado até demais. Foi um “bom moço”, como diziam os antigos. Apesar de nossos pais geralmente nos cobrarem de ter uma postura bem educada, não é assim que a política funciona, ainda mais quando se é um político de esquerda, popular e perseguido pela burguesia. A política do “bom-mocismo” seguida por Lula é errada, e pode levar a um desastre. Ela tem como objetivo mostrar que o ex-presidente é alguém inofensivo, e portanto não existe problema nenhum em colocá-lo de volta na presidência. Ele não é um mal educado truculento como Bolsonaro, que, ao contrário de Lula, não fez questão nenhuma de manter qualquer tipo de educação.

O resultado da inofensividade de Lula pode ser vista no próprio debate. Enquanto ele tentava propagandear o seu governo e desmentir por cima o que Bolsonaro falava dele, os outros candidatos se juntaram e ocuparam quase todas as suas falas para atacar o próprio Lula e o PT, inclusive com a cena em que Lula tenta fazer com que Simone Tebet, a candidata da terceira via, fale mal de Bolsonaro, e essa desvia de sua pergunta e começa a atacar os governos de Lula e do PT. Essa política, no final das contas, só faz com que Lula se adapte cada vez mais à políticas moderadas e direitistas, além de fazer com que Lula de fato pareça inofensivo, porém a sombra de Bolsonaro — ou seja, alguém incapaz de enfrentar a burguesia e o imperialismo. O ex-presidente foi chamado de corrupto, ladrão, ex-presidiário, e simplesmente não conseguiu reagir. Precisamos ter claro que a política que o povo necessita no momento é uma política radical, de enfrentamento, mobilizadora, que coloque a população nas ruas para defender o governo, o PT e Lula, colocando essas forças populares

de volta no poder e criando um movimento de massas, que mobilize a população no caminho da luta. Essa política radical precisa entrar em substituição ao bom-mocismo. Lula não vai se eleger sem enfrentamentos — muito pelo contrário. Quanto menos o ex-presidente se mexer, menores são suas chances de ganhar e, ainda pior, menores são as chances da organização de uma mobilização das massas, com o apoio de toda a esquerda, que vá às ruas contestar as eleições frente a um catálogo tão impopular de candidatos. Essa é uma armadilha que a burguesia está armando para Lula, moldando a campanha do PT em algo inofensivo enquanto promove Simone Tebet como a grande solução para o Brasil, uma mulher, professora, que se opõe a Bolsonaro, enquanto Lula faz o papel de uma planta no debate e Bolsonaro esbraveja contra seu governo — é uma armadilha a qual o ex-presidente não pode cair. É preciso enfrentar a situação política com garra, mobilizar os trabalhadores em defesa do Brasil, contra a burguesia e contra o imperialismo.

BLOGS E COLUNAS



Rafael Dantas

Um jornal de massas e uma revista de quadros

Nosso partido deu um importante passo no terreno da agitação e da propaganda na última semana. Publicamos a mais recente edição do jornal *Causa Operária* (nº 1.228) com importantes alterações no seu formato, conteúdo e preço. Custando apenas R\$1,00, o novo jornal *Causa Operária* se destina a uma vendagem mais ampla do que vinha tendo. Almejando chegar a 10.000 exemplares vendidos, o novo *Causa Operária*, com quatro páginas e tiragem maior, visa penetrar em amplas massas acompanhando o desenvolvimento do partido em seu último período. É a primeira edição de muitas após o 10º Congresso Nacional do PCO, realizado no início de agosto com essa meta: fazer de *Causa Operária* um **jornal de massas**. Mas, o que é um “jornal de massas”? Leon Trótski, que ao lado de Lênin dirigiu a grande revolução russa de 1917 respondia assim à pergunta quase 20 anos mais tarde, quando dirigia a oposição revolucionária ao stalinismo em diversos países e buscava reagrupar a vanguarda da classe operária:

A pergunta não é nova. Pode-se dizer que toda a história do movimento revolucionário tem sido perpassada por discussões sobre o “jornal de massas”. É o dever elementar da organização revolucionária tornar o seu jornal político o mais acessível possível para as massas. Essa tarefa não pode ser efetivamente resolvida exceto em função do crescimento da organização e de seus quadros, que devem pavimentar o caminho para as massas pelo jornal – já que não basta, é claro, chamar uma publicação de “jornal de massas” para que as massas realmente o aceitem. Eis que atingimos um objetivo importante no último período: nosso partido cresceu significativamente e, com sua força numérica aumentada, tem condições de impulsionar um crescimento correspondente na sua agitação política nas ruas. O jornal *Causa Operária*, em novo formato, tiragem e preço, será o instrumento dessa mudança. O conteúdo do jornal permanece, essencialmente, o mesmo. Mudou a forma. O jornal está repleto de curtos artigos, mais diretos e incisivos na defesa da mesma política que vinha ocupando as páginas

das edições anteriores: a luta pela revolução, o governo operário e o comunismo, bem como pelas reivindicações centrais da classe operária e dos explorados expressas na palavra de ordem de Salário, Trabalho e Terra. Esperamos, assim, fazer das poucas páginas das novas edições um instrumento mais incisivo de agitação política, mantendo a diversidade de assuntos de que *Causa Operária* vinha tratando até agora. Para complementá-lo, passaremos, a partir desta semana, a editar a *Causa Operária* revista, uma publicação de 32 páginas, dedicadas a artigos de fundo, explicando e maior profundidade e detalhe a mesma política, analisando, investigando e debatendo os principais temas da situação nacional e internacional, de cultura, história e marxismo semanalmente. Como disse Trótski em 1935: *Um jornal de massas se distingue de uma publicação teórica ou de uma revista de quadros não pelas palavras de ordem, mas pela maneira como são apresentadas. A revista de quadros elabora para seus leitores todas as etapas da análise marxista. O jornal de massas apresenta apenas seus resultados, baseando-se ao mes-*

mo tempo na experiência imediata das próprias massas. É muito mais difícil escrever de forma marxista para as massas do que escrever para os quadros. Com o objetivo de fazer do jornal *Causa Operária* um verdadeiro jornal de massas, com amplo alcance e penetração na classe operária e na população trabalhadora em geral e de editar uma revista “de quadros”, isto é, voltada à propaganda de maior profundidade, estamos lutando por uma grande mudança que só poderá se sustentar com o apoio dos leitores, militantes e simpatizantes do partido. É por isso que lançamos a **campanha de assinaturas do jornal Causa Operária**, de modo que os assinantes – que passarão a receber a revista impressa e ter acesso ao portal com conteúdo exclusivo para assinantes. Nesse sentido, chamo os leitores a contribuírem com a sustentação do jornal de massas e da revista do **Partido da Causa Operária** fazendo sua **assinatura** (anual, semestral ou mensal) e com ela impulsionar uma imprensa operária e revolucionária – a única, diga-se de passagem, em todo o País.



Vinícius Rodrigues

Caso da Sérvia comprova: o identitarismo gera homofobia

No último domingo, na Sérvia aconteceu um protesto de milhares de pessoas na cidade de Belgrado, capital do país, contra a marcha EuroPride, um evento LGBT que estava marcado para acontecer em setembro. O governo já havia proibido o evento devido as investidas da OTAN no Cossovo, que está recebendo tropas estrangeiras e aumentando as tensões neste território que foi roubado da Sérvia em 1999. Este caso escancara uma realidade sombria, a utilização dos LGBTs pelo imperialismo para atacar os países atrasados gerará uma retaliação violenta contra esse setor da população. O que acontece na Sérvia é que desde a ação militar russa na Ucrânia e no Donbas cresce o sentimento anti-imperialista no país. Ao mesmo tempo a OTAN, que bombardeou a Sérvia na década de 1990 e ocupou o seu território do Cossovo aumenta sua presença na região estimulando ataques violentos contra a minoria de sérvios. Essa investida do imperialismo também faz crescer a revolta dos trabalhadores. O presidente

da Sérvia Aleksander Vucic já elevou o tom o que torna possível que o país até mesmo entre em um confronto armado no futuro próximo. Ao mesmo tempo o movimento anti-imperialista não se aglutina somente em torno das organizações da esquerda. Como nos casos do IRA, uma organização católica irlandesa, e dos diversos movimentos islâmicos árabes nacionalistas, na Sérvia a religião Ortodoxa também se torna uma base para a luta nacional, assim como na Rússia. Foi esse setor da população que saiu às ruas carregando cruzes e imagens de santos e ao mesmo tempo imagens de Vladimir Putin e do General Dragoljub Draza Mihailovic que lutou



de vitória, em apoio a Putin e muitos outros simbolos nacionalistas foram vistos na manifestação em Belgrado.

contra a ocupação nazista na década de 1940, o que deixa claro o tom anti-imperialista da manifestação. A política do identitarismo, que é exportada para todo o planeta pelos EUA, está criando para os trabalhadores uma relação entre a população LGBT e o imperialismo, mas neste caso do EuroPride a relação é bem direta. No próprio **sítio da organização** é possível ver quem são os “parceiros”: *Council of Europe, The Balkan Trust for Democracy (USAID), Federal Foreign Office* (alemão), a Embaixada dos EUA na Sérvia e os governos do Canadá, da Noruega e da Suécia. Na prática é uma manifestação de rua organizada por governos estrangeiros membros da OTAN, ou seja, que estão basicamente em guerra com o país.



Tirinha revela que cresce a percepção de uma relação direta entre os LGBTs e o imperialismo.

Na Rússia também esse tipo de manifestação é proibida desde o ano

de 2013 e o Bispo Nikanor, um dos líderes dessa mobilização citou este caso como o ideal para o seu país. A Associação dos Organizadores do Europride já publicou em suas páginas oficiais que não obedecerá o decreto do governo pois ele fere os direitos humanos. As organizações imperialistas seguem se importando muito com os direitos humanos nos países que ousam se levantar contra o seu domínio. O caso da Sérvia deve ligar o sinal de alerta para a população LGBT e de todas as minorias que estão sendo usadas pelo imperialismo para atacar os povos do mundo. Não é a primeira vez que isso aconteceu, há casos terríveis e muito famosos como o genocídio dos tutsis e dos armênios. Caso o governo dos EUA siga se utilizando do identitarismo para atacar brutalmente os povos oprimidos, manifestações como essa, contra EuroPride, podem rapidamente se transformar em ataques aos LGBTs e até mesmo massacres. E quando isso acontecer serão os trabalhadores dessa comunidade que irão sofrer as consequências dessa política sórdida do imperialismo.

A mulher do golpe

A “feminista” Tebet não teve “sororidade” com Dilma Rousseff

Como a "feminista" Tebet trabalhou para derrubar a única presidenta mulher da história do Brasil

MULHERES

Após meses de indefinição sobre que rumo o principal setor da burguesia buscava dar para sua candidatura nas eleições presidenciais, surge o nome de Simone Tebet e a definição de uma campanha focada no identitarismo e na suposta defesa da mulher. O eixo central desta campanha feita por Simone Tebet, o nome da terceira- via para enfrentar os “extremos” de Lula e Bolsonaro, é a campanha destinada ao público feminino, o maior setor social votante na eleição nacional, como a mesma insiste em destacar. Acompanhado da política internacional do imperialismo em torno do problema da mulher, da campanha identitária e da pura demagogia eleitoral que foi também o eixo da campanha de Joe Biden para as eleições nos Estados Unidos, assim como, da política de invasões realizados pelo imperialismo em todo o mundo, a terceira- via estrutura sua campanha. No entanto, com a chegada da campanha eleitoral fica claro os motivos da burguesia demorar tanto para lançar a sua candidatura de maneira decidida. Simone Tebet tem “telhado de vidro”, seja na sua política “anti-Bolsonaro”, seja na sua política identitária e de pura demagogia com o público feminino.

Tebet tem “telhado de vidro”

Como comprovado pela reportagem feita pelo Diário Causa Operária intitulada **“Tebet quer Paula Guedes em seu Ministério da Economia”**, Simone Tebet tem em seu “time dos sonhos” os criminosos políticos que fizeram todo o trabalho sujo no governo de Fernando Henrique Cardoso, Michel Temer e também, Jair Bolsonaro, ou seja, uma continuação direta do que há de pior no regime golpista de conjunto. Além disso, que comprova a sua política farsesca de “antibolsonarismo”, Simone Tebet sofre do mesmo problema na sua política em defesa da mulher. Sobre isso, não precisa resgatar nomes do governo FHC, mas sim, voltar há seis anos atrás, quando a própria candidata, naquele momento senadora, foi uma das principais figuras femininas que, acompanhando o bolsonarismo e toda direita golpista, aprovou o golpe contra a primeira e única presidenta eleita na história brasileira, Dilma Rousseff. Dilma inclusive é uma figura que Tebet parece constantemente querer esquecer, chegando ao ponto de dizer que a mesma seria a “primeira” mulher a poder assumir a presidência da república. Contudo, durante todo o ano de 2016, Simone Tebet e

seu partido MDB, formada pela quadrilha golpista a serviço do imperialismo, com figuras como Michel Temer e Eduardo Cunha, encabeçaram o golpe de Estado.

A mulher dos golpistas

Tebet não é apenas responsável pela derrubada de Dilma Rousseff, como também pelo resultado posterior ao golpe de Estado. Graças a sua política golpista contra Dilma, Simone Tebet possibilitou que milhões de mulheres, de mães como a mesma gosta de frisar, entraram na mais absoluta miséria. Graças a Tebet e seu partido golpista, que hoje o desemprego se alastra em grandes quantidades por toda classe trabalhadora, afetando sobretudo as mulheres e a juventude. Sobre o golpe, Tebet afirmou em 2016: “Há um muro muito grande a separar o povo brasileiro de seu futuro e é esse muro que venho a partir de hoje derrubar. É o muro da crise econômica, social e institucional, da instabilidade e da insegurança jurídica.” Para a então senadora, a presidenta Dilma Rousseff haveria cometido crime de responsabilidade ao descumprir a meta fiscal. Contudo, a mesma não ficou escandalizada

com a compra de votos descarada que Jair Bolsonaro vem promovendo com o chamado “pacote das bondades” de Paulo Guedes. Na época Tebet disse “Venho com convicção afirmar ao Brasil que voto sim pelo juízo de admissibilidade desse processo de impeachment.” E com esta convicção, Simone Tebet derrubou a mulher presidenta que ela jura defender como um ideal de empoderamento. Naquele momento, não houve “sororidade”, não houve a defesa da “mãe” Dilma, não houve a defesa de uma mulher que havia chegado a um lugar que nenhuma outra chegou, a presidência da república. Naquele momento, Tebet comprovou ser uma mera serviçal dos grandes homens latifundiários, dos bancos e do imperialismo. Hoje Tebet diz ser feminista, afirma que se solidarizou até mesmo com mulheres bolsonaristas quando “atacadas” verbalmente por adversários políticos. Tebet defende a mãe, as professoras, as mulheres de bem e até mesmo as mulheres da extrema-direita contra toda opressão, no entanto, o fator mais importante de todos não houve alteração. Em entrevista à *Globo News* Tebet destacou que não se arrepende de ter contribuído para a derrubada de Dilma Rousseff, e se coloca não como a “mãe dos pobres” mas sim, a mulher dos golpistas.

ESCOLHA DOS EDITORES

Muito pior

Tebet nos deixará com saudade de Bolsonaro

Na presidência da República, candidata "feminista" do MDB implementaria uma furiosa política neoliberal contra o povo

Nos últimos anos, uma das principais estratégias da burguesia para impor a sua política ao redor do mundo tem se dado pela doutrina do **“mal menor”**. Segundo essa filosofia, o povo deve escolher, quando diante de uma decisão, sobretudo, eleitoral, o **candidato**, ou a figura, que represente o menor perigo para os seus próprios interesses. Uma estratégia que é voltada principalmente para a esquerda pequeno-burguesa que, na ausência de princípios políticos claros, recebe de braços abertos os **ditames imperialistas**.
Todavia, esse “mal menor” nunca é, de fato, uma figura mais amena no que diz respeito à ameaça que representa para o povo. Em outras palavras, é sempre o representante mais fiel da política neoliberal, aquele mais atrelado aos interesses do imperialismo.
É o que foi feito, por exemplo, nas eleições de 2020 nos Estados Unidos, quando Biden foi eleito. À época, criou-se o espantinho de Donald Trump para que a esquerda apoiasse Biden no pleito. Ou seja, Trump foi pintado como um fascista que, naquele momento, representava um perigo iminente para a população americana. Para impedir que seu “regime de terror” tivesse continuidade, era preciso, portanto, votar em Biden e garantir a vitória da “democracia” contra a extrema-direita.
Agora mais do que nunca, fica claro que tal campanha não passou de uma farsa, uma manobra que serviu para justificar o golpe que a burguesia imperialista orquestrou contra Trump naquelas eleições. Afinal, comparado ao que Biden tem feito durante o seu governo, principalmente no que diz respeito à sua política externa, Trump é um cachorrinho inofensivo.
No Brasil, também em 2020, essa política se materializou por meio da chamada frente ampla, que consistia na união da esquerda com o chamado “centrão” (DEM, PSDB, MDB etc.) para derrotar a ameaça “fascista” de Bolsonaro, o espantinho brasileiro. Assim como nos Estados Unidos, a esquerda pequeno-burguesa também apoiou essa iniciativa dos banqueiros, sendo um de seus principais defensores o próprio Guilherme Boulos.
Com a chegada das eleições de 2022 no Brasil, a burguesia tem intensificado a sua campanha em torno do “perigo” que Bolsonaro representa

para o estado democrático de direito nacional. Dessa vez, a alternativa se dá por meio de Simone Tebet, candidata escolhida da chamada terceira via que representaria uma alternativa a Bolsonaro por ser, supostamente, uma figura democrática. Seria, então, Bolsonaro pior do que Tebet? Decerto que não.

A candidata do capital financeiro

Bolsonaro e Tebet são dois políticos da direita, mas possuem uma diferença fundamental. Enquanto Bolsonaro representa a burguesia de baixo escalão, principalmente os empresários e latifundiários menores, Tebet é porta-voz da política do imperialismo no Brasil. Ou seja, é partidária do neoliberalismo, a doutrina econômica mais sanguinária de toda a história da humanidade.
É exatamente a mesma política de Fernando Henrique Cardoso que, durante seu governo, provocou uma devastação inigualável na história do Brasil. Aqui, não é preciso acreditar na palavra daqueles que denunciam o neoliberalismo, os números falam por si próprios: nos momentos finais do governo FHC, cerca de 300 crianças morriam por dia de fome no País. E mais, os dados são de uma reportagem do **Jornal Nacional**. Logo, decerto que a cifra é ainda maior do que o noticiado.
Ademais, não é preciso ir longe para confirmar esta constatação. Basta analisarmos alguns nomes que foram escolhidos para compor um eventual governo Tebet.
Em primeiro lugar, temos Elena Landau, economista responsável pelo programa nacional de desestatização do governo FHC. Depois, **Vanessa Canado**, ex-assessora especial para a reforma tributária no Ministério da Economia de Paulo Guedes, o homem de confiança do imperialismo no governo Bolsonaro. Em seguida, José Roberto Mendonça de Barros, o ex-secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda no Governo FHC. Além disso, Wanda Engels, uma figura importante na criação da política de transferência de renda de FHC e José Guilherme Almeida Reis, que possui passagem no Banco Mundial.
Fica claro, portanto, que Tebet não só é simpática à política neoliberal, como promete fazer o Brasil retornar à era FHC, quando 1 criança

morria de fome a cada 5 minutos. Afinal, sua equipe é composta, quase que em sua totalidade, por figuras ou ligadas ao neoliberalismo, ou ex-membros do próprio governo FHC.

Suas propostas: um expediente neoliberal clássico

Com um time composto por verdadeiros profissionais da economia neoliberal, por óbvio que sua política financeira não seria distante disso. Finalmente, Tebet defende uma política imperialista ferrenha, focando na questão da privatização e, de maneira geral, na redução do Estado em benefício do capital estrangeiro.
Não é à toa que seu programa de governo destaca um de seus quatro eixos exclusivamente para a privatização. Intitulada “Governo parceiro da iniciativa privada”, a seção dá o tom de sua política ao afirmar que *“Nosso governo será o governo das concessões, das parcerias público-privadas, das privatizações e da desestatização”*.
Ademais, no mesmo ponto, o programa destaca o objetivo de aumentar a relação da economia brasileira com órgãos imperialistas, como é o caso da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), da Organização Mundial do Comércio (OMC) e das Nações Unidas.
Anterior a isso, Tebet também destaca, reproduzindo a mais pungente política do imperialismo em relação ao território, a questão da Amazônia. Defendendo uma política de desmatamento zero, Tebet inclui, ao final do texto, a proposta de “Criar polos de desenvolvimento de startups em parceria com empresas privadas e universidades”, um claro pretexto para introduzir o capital estrangeiro no território brasileiro e iniciar a entrega da Amazônia ao imperialismo.
Sem contar no caráter profundamente identitário – a ideologia esquerdista oficial do imperialismo – de seu último eixo, no qual consta, por exemplo, a **paridade de gênero** em seus Ministérios e o combate contra “a discriminação, a intolerância, o preconceito e o desrespeito”.

Seu próprio partido a incrimina

Tebet é candidata pelo MDB que, após ganhar a disputa para concorrer pela terceira via, recebeu apoio

do PSDB, partido, inclusive, do qual FHC faz parte. Apesar da propaganda de que tais legendas seriam democráticas – em oposição à “barbárie” de Bolsonaro –, não podemos esquecer que foi justamente esse grupo quem entregou o Brasil para os grandes bancos internacionais.
Sem contar na participação desses partidos no golpe de Estado que derrubou Dilma do poder e prendeu Lula. Fundamentalmente, foram agentes centrais no que diz respeito à organização de todo o processo golpista em conjunto com o imperialismo americano.

<https://www.causaoperaria.org.br/rede/dco/moradia-e-terra/indigenas-e-quilombolas/tebet-foi-responsavel-por-massacre-contra-indios-em-dourados/>

Tebet cospe no prato em que comeu

Durante toda a sua campanha, Tebet tenta se colocar como uma alternativa à polarização representada, principalmente, por Lula e Bolsonaro. Todavia, esconde que, durante praticamente toda a sua carreira política, principalmente no Senado, votou ao lado do governo na maioria das ocasiões.
Segundo o Radar do Congresso, seu partido, o MDB, votou em 88% das vezes ao lado do governo Bolsonaro no Congresso Nacional. Não é à toa que, tanto no Congresso, quanto no Senado, os parlamentares emedebistas foram apelidados de “base do governo”. A própria Tebet se alinhou com o governo em 86% dos casos. Onde está a oposição de que tanto fala?
Dentre as propostas apoiadas por Tebet, estão a Reforma da Previdência, a “autonomia” do Banco Central, o Novo Marco Legal do Saneamento Básico e a Lei da Liberdade Econômica. Todos projetos profundamente neoliberais que, após o golpe, foram responsáveis por sucatear a vida do trabalhador brasileiro. Sem contar na própria Reforma Trabalhista.
No final, fica mais do que claro que Tebet não é apenas direitista. Representa tudo que há de pior na política e, nesse sentido, um massacre iminente contra a classe operária brasileira. Representante venal do neoliberalismo, um eventual governo Tebet promete deixar o povo brasileiro com saudades de Bolsonaro.

ELEIÇÕES

Carlos Augusto

Candidato do PCO denuncia que foi vítima de ataque da PM

Diário Causa Operária entrevista candidato do PCO a deputado estadual por São Paulo

Em mais um episódio da **série de entrevistas** relativas às **eleições de 2022**, o *Diário Causa Operária* entrevista Carlos Augusto, **candidato a Deputado Estadual** por São Paulo pelo **Partido da Causa Operária (PCO)**. Com 63 anos, sempre militante comunista e agora candidato a deputado estadual pelo autêntico partido revolucionário, o PCO. Queremos todo o poder aos conselhos populares de empresas, bairros e escolas. Por uma verdadeira democracia, não essa farsa que a burguesia procura vender e que não é real — reivindica o candidato operário. Leia a entrevista a seguir:

Diário da Causa Operária: Como tem sido sua atuação na militância revolucionária?

Carlos Augusto: Comecei a militância comunista ainda jovem na década de 80 durante uns 10 anos. Me desliguei do antigo partido, mas continuei participando de atos, movimentos sociais, greves e piquetes nos sindicatos que representavam a categoria nas empresas que trabalhei. Por não identificar outro partido que estivesse de acordo com meu aprendizado político fiquei sem atuar em partidos até encontrar o PCO por volta de 2013, quando passei a seguir o partido e assim me filiei e hoje estou candidato, ajudando a construir o verdadeiro partido revolucionário.

Diário da Causa Operária: Qual a diferença da sua candidatura e das candidaturas do PCO para as outras, tanto da direita como da esquerda?

Carlos Augusto: As candidaturas do PCO são de formato que nunca presenciei na vida. E elas são absolutamente fiéis aos ensinamentos do marxismo. É a forma mais democrática possível dentro do capitalismo, sistema que queremos derrubar o quanto antes, para benefício dos trabalhadores. As outras candidaturas tanto da direita como da esquerda privilegiam a candidatura das pessoas desvinculadas da ideologia do partido e ainda se colocam como administradores do estado burguês. Isso não nos interessa. No PCO é diferente, a candidatura é do partido e é através de lista de candidatos. Nesse sistema pega-se os votos do partido e distribui primeiro para o candidato no primeiro



Carlos Augusto nº 29292 deputado estadual por São Paulo - PCO. - Foto: Arquivo

lugar da lista e o restante para o segundo até completar as vagas conseguidas com a votação. Muito democrático isso. Todos os candidatos não falam em nome próprio e sim do partido, do seu programa. Pedimos o voto para o partido. Nas entrevistas e debates propomos a revolução e convocamos o povo, os trabalhadores a se unir nessa luta. A se organizar em comitês de bairro, de escola e de trabalho para então reivindicar as propostas dos comitês nas ruas, nas instituições do estado, nos sindicatos, nas empresas, onde for para assim avançar na luta pelos direitos que o povo organizado quer ver acontecer.

Diário da Causa Operária: Por que o PCO apoia Lula para presidente mas não Alckmin para vice?

Carlos Augusto: Nas eleições estamos defendendo o voto em Lula mas rejeitamos o vice Alckmin, porque o Lula é preferido pela maioria significativa do povo e é de origem da classe trabalhadora, um autêntico trabalhador, enquanto que o Alckmin

é o representante puro sangue do imperialismo. Foi governador de São Paulo por vários mandatos e conhecido por forte repressão policial nas greves, movimentos sociais combativos de estudantes, professores e na periferia onde a PM comete chacinas constantes. São Paulo é um estado onde a violência policial é das mais letais no Brasil. **Eu mesmo mais de uma vez fui vítima deles até em colagens de cartazes nas ruas.** E com certeza o povo não gosta dele.

Diário da Causa Operária: Quais são os principais pontos do programa do PCO?

Carlos Augusto: O programa eleitoral do partido reflete o próprio programa do partido, a pauta de reivindicações é a mesma que é divulgada em todos os atos no dia a dia. Por exemplo, lutamos pela redução da jornada de trabalho para 35 horas semanais sem redução do salário para combater o desemprego, pelo reajuste do salário mínimo em 100% para o trabalhador e sua família poderem se alimentar adequadamente e ainda com-

pensar as perdas salariais já sofridas e a inflação. Lutamos pelo fim das privatizações e revogação das já ocorridas como a CSN, Vale, Petrobras, Eletrobras, etc.. Pelo fim do STF e eleição direta de todo o judiciário. Revogação das reformas trabalhistas e previdenciárias. Pela reforma agrária e o confisco do latifúndio, dando terra para quem trabalha nela. Estatizar todos os bancos. Por saúde e educação pública e gratuita para toda a população. Por nenhuma interferência estrangeira na Amazônia e no território nacional. E principalmente por nenhuma censura ou restrição à liberdade de expressão, ela deve ser ampla, geral e irrestrita. O poder precisa ser atribuído aos trabalhadores, que organizados em conselhos populares elaboram o programa que eles acham adequado às suas necessidades com a colaboração e assistência do partido, e se organizam para a luta para pôr em prática esse programa, nas ruas e enfrentando o estado burguês até o colocar abaixo, sem dó nem piedade.

POLÍTICA

Diz candidata do PCO

"Tebet é prostituta de Biden, dos banqueiros e latifundiários"

Nina Tenório é candidata à Deputada Federal em Alagoas e coordenadora nacional do Coletivo de Mulheres Rosa Luxemburgo

Nesta terça-feira (30), o **Diário Causa Operária** entrevistou Nina Tenório, candidata à Deputada Federal pelo **Partido da Causa Operária** (PCO). Coordenadora nacional do **Coletivo de Mulheres Rosa Luxemburgo**, Nina denunciou a demagogia de Simone Tebet durante o último debate presidencial, apontando o programa revolucionário do Coletivo para as mulheres.

Confira a entrevista abaixo na íntegra.

Diário Causa Operária: conte rapidamente sobre sua militância no PCO.

Nina Tenório: comecei a me aproximar do PCO porque era o único partido que tinha uma política séria na defesa da ex-presidente Dilma contra o golpe que ela sofreu. A esquerda, em geral, estava fazendo uma campanha rasa pelo "Fora Temer" que não acontecia de fato, não tinha mobilização. Enquanto isso, o PCO estava nas ruas colhendo assinaturas pela anulação do *impeachment*, o que fez eu me aproximar da política do partido e entrar efetivamente logo quando começou uma campanha contra a prisão do ex-presidente Lula, no começo de 2018.

Nós organizamos caravanas saindo daqui de Alagoas até Porto Alegre. Mais de 3 dias de viagem para nos juntarmos às manifestações públicas contra a prisão do ex-presidente. Também participei da campanha pela sua liberdade, das caravanas para Curitiba e de todos os atos públicos que aconteceram em seguida.

Também me aproximei do PCO pela questão da mulher, que é uma coisa que é claramente diferente de toda a esquerda, que tem essa política de empoderamento. Eu vi que, no PCO, existia uma política concreta de defesa das mulheres trabalhadoras, um **programa revolucionário para as mulheres**.

DCO: você já foi candidata outras vezes, apesar de jovem. Como foram aquelas experiências?

NT: em 2020, o Partido tentou lançar a minha candidatura à prefeitura de Maceió. Acabou que **a candidatura foi perseguida pela ditadura do judiciário**, não queriam lançar minha candidatura de jeito nenhum. Falaram que eu era muito jovem – de fato eu era a candidata à prefeitura mais jovem, acho que, do Brasil –, falaram que um dos nossos



Simone Tebet é uma inimiga das mulheres, representante da burguesia nacional e internacional. – Foto: Reprodução

companheiros que foi lá lançar a chapa era muito jovem e estava servindo de massa de manobra. Enfim, não quiseram lançar a candidatura do PCO, uma perseguição clara contra o partido. Não tinha o menor sentido jurídico, eram só questões políticas que impediam que fosse lançada a minha candidatura.

Mesmo assim, a gente participou dos debates que fomos chamados para colocar a política do momento. **O PCO lança candidatos para colocar a política do Partido nas eleições**, e não a política individual de cada candidata.

Foi uma experiência que, na prática, mostrou a diferença entre lançar candidaturas nesses partidos burgueses, partidos que têm candidatos profissionais, e lançar candidaturas em um partido operário, no qual sofremos esse tipo de perseguição.

DCO: vamos falar sobre o debate deste domingo. Vimos que o principal tema foi a questão da mulher, que foi muito propagandeado pela imprensa burguesa principalmente no dia seguinte. Pode comentar sobre isso?

NT: a *Band* levantou uma bola para a Simone Tebet cortar, tudo muito bem combinado, dentro dos conformes, justamente para ela fazer essa campanha de demagogia com as mulheres.

No final das contas, na realidade, **a Tebet é uma mulher da burguesia**, ligada aos banqueiros,

aos latifundiários, ela mesma é latifundiária. Nesse sentido, **ela é uma inimiga das mulheres**. A imprensa burguesa tratou de divulgar bastante, no dia seguinte, como ela foi impecável, como ela foi muito bem no debate, como ela é uma grande defensora das mulheres, mas isso é mentira, não passa de demagogia.

DCO: em relação a Tebet, o principal mote da campanha dela é "Mulher vota em mulher". No debate, ela procurou se mostrar também como uma grande feminista. O que você acha sobre isso?

NT: ela usou esse negócio de grande feminista, falou que as mulheres devem votar nas mulheres, mas ela votou no Temer, no Aécio e defendeu quase todas as pautas do governo Bolsonaro no Senado.

Essa defesa da mulher é só para enganar as pessoas, pois, na realidade, não houve defesa de mulher nenhuma. Inclusive, na época, ela foi uma das defensoras do golpe contra a Dilma. **Não tinha "sororidade" nenhuma**, não tinha "mulher vota em mulher" nem nada do tipo.

O partido da Simone Tebet votou em quase todas as propostas do governo Bolsonaro e, agora, eles usam a Tebet para fazer certos ataques a Bolsonaro e, principalmente, ao Lula, para poder subir nas pesquisas fazendo essa campanha.

Devemos falar que ela é uma candidata do MDB, apoiada pelo PSDB, apoiada pela burguesia nacional e internacional. **É uma prostituta do Biden, do imperialismo, dos banqueiros e dos latifundiários, e não representa nem um pouco as mulheres trabalhadoras**.

DCO: ela tem algum projeto que interessa às mulheres? Ou é só demagogia?

NT: não, é pura demagogia. Inclusive, se você for procurar as colocações dela sobre o aborto, ela se mostra contrária à legalização do aborto em todos os casos. **Ela participou da Marcha da Família Cristã pela Liberdade, uma marcha fundamentalmente contra o aborto**.

Ou seja, **ela é contra uma das principais reivindicações da luta das mulheres**, que é a questão do aborto.

DCO: no debate, surgiu também o tema do aborto. Qual o programa do Coletivo de Mulheres Rosa Luxemburgo em relação a esse tema?

NT: **nós somos a favor da legalização do aborto em todos os casos**. A legalização total para que, ademais, o procedimento seja feito nos hospitais públicos como um serviço gratuito.

Reconhecemos que se trata de um dos direitos fundamentais das mulheres dentro do capitalismo, algo fundamental para a sua emancipação.